

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

MEMÓRIA E O ENSINO DE HISTÓRIA

Mileide Borges Adalberto Santosⁱ

EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Resumo

Este artigo pretende apresentar algumas reflexões sobre os usos da memória no ensino de história a partir dos resultados parciais alcançados na realização de uma pesquisa intitulada “Práticas de Memórias e Ensino de História”. Intenciona-se identificar como essas Práticas estão ou não sendo trabalhadas no Ensino de História nas séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Aracaju/Se. Em nossas primeiras reflexões, apontamos para o fato de que a memória e a história andam juntas no processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. No que se refere à pesquisa de campo, observa-se que em algumas escolas e séries do Ensino Fundamental, o ensino de história não vem sendo trabalhado regularmente nas aulas, bem como no grupo observado as práticas de memória também não são contempladas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; Práticas de Memória; Identidade

Summary

This article presents some reflections on the uses of memory in history teaching from the partial results achieved in carrying out a survey entitled "Memories of Practice and Teaching of History." Intends to identify how these practices are or are not being worked in the Teaching of History in the early grades of elementary school of a school from the city of Aracaju/SE. In our early discussions, we point to the fact that the memory and history go together in the construction of identity, whether individual or collective. With regard to field research, it is observed that in some schools and grades of elementary school, the teaching of history has not been worked regularly in the classroom as well as the group observed the practices of memory are also not covered.

KEYWORDS: History Teaching; Practices Memory, Identity

As lembranças que possuímos, os fatos históricos que comemoramos, tudo isso já foi vivenciado pelos nossos antepassados. Todos esses acontecimentos fazem parte da memória de um povo. E de acordo com Silva “Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideias de uma comunidade [...]”ⁱⁱ.

Memória é a capacidade que cada indivíduo possui de guardar tais acontecimentos, sejam eles individuais e/ou coletivos. E, são essas memórias que, junto com a história, contribuem na construção da identidade social de um povo, pois como afirma Freitas, “Memória e História são dois instrumentos muito importantes. Ambas são fontes para a construção da nossa identidade”ⁱⁱⁱ.

Le Goff, ao referir-se à memória individual afirma que::

[...] memória pode ser entendida como um registro recuperado (lebrança) e propriedade de conservar e recuperar registros. Este último sentido remete a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas^{iv}.

A Memória coletiva, segundo Joutard:

[...] aparece quando as mesmas lembranças, vividas ou transmitidas, voltam de maneira repetitiva e quando elas são apresentadas como propriedade específica da comunidade. Ela é feita de vida cotidiana onde a inundação, a geada precoce ou tardia, o incêndio da granja deixaram mais traços do que a Revolução Francesa. Ela idealiza o passado, que se torna o “belo passado”, apagando as tensões sociais e as lutas de clã, numa visão unanimista e pacífica. A memória é terrivelmente simplificadora: ela se organiza em torno de um acontecimento fundador, os fatos anteriores ou posteriores sendo assimilados a este ou esquecidos; quando são memorizados, é por analogia, repetição e confirmação do acontecimento fundador. O esquecimento é, portanto, constitutivo da memória; mas esse esquecimento pode ser vontade de limitar-se ao essencial ou ocultação. O tempo retido pela memória coletiva é muito simplificado, binário em nossos dias e antigamente, antes e depois de 1914 (ou ternário) de nosso tempo à época dos antigos, há muito tempo. O fluxo cronológico é a regra, salvo quando um laço pode ser estabelecido com a genealogia familiar^v.

Essa memória coletiva se processa pela memória oficial, quando um determinado grupo julga tal acontecimento como importante, e, este, passa a ser comemorado todos os anos, pela memória de um país, por exemplo. Mas, há também as memórias que fazem parte de uma

pequena população em específico, memórias estas que podem trazer lembranças boas para aquela grupo ou também lembranças carregadas de dor, sofrimento. Nos casos de dor e sofrimento, em muitas situações, as pessoas preferem não relatar e guardam para si, suas lembranças, pois como afirma Pollak:

Na ausência de toda possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária (presumida ou real) para a manutenção da comunicação com o meio ambiente...^{vi}.

MEMÓRIA: INSTRUMENTO QUE AUXILIA O ENSINO DE HISTÓRIA

A memória pode ser considerada um campo de conhecimento auxiliar da história, uma fonte de conhecimento. A história como uma área que se ancora na memória para constituir-se tem nos museus, nos monumentos, e nos elementos da cultura imaterial como a dança, a alimentação e a música importantes lugares de memória. É nesses espaços chamados de “lugares de memória” que cada indivíduo pode compreender o passado e significar o presente em que vive. Segundo Pacheco, “A educação patrimonial é uma metodologia de ensino pensada para o espaço do museu e que orienta o uso do objeto cultural para reconstruir os significados dos bens patrimoniais junto às suas comunidades”^{vii}.

Um dos principais objetivos definidos nos PCN’s de história dos anos iniciais do ensino fundamental, diz respeito à questão da valorização das diversas formas culturais existentes e também a relação entre passado e presente^{viii}. Sendo assim, seriam os museus, um lugar de grande contribuição para as aulas de histórias, além de torná-las mais práticas e dinâmicas, porque a criança não apenas escutaria sobre determinado conteúdo, ela estaria entrando em contato com artefatos de sua cultura que possam ainda lhes parecer estranhos.

Miranda diz que “Museus são espaços inventados na modernidade, dedicados a custodiar objetos memoráveis a partir do qual se criam discursos de memórias a serem aprendidos”^{ix}. E foi adotando essa metodologia de ensino, que ela levou um grupo de alunos da sexta série do ensino fundamental a vivenciarem uma prática histórica diferente. Ao fazer essa proposta ela tinha por objetivo analisar as ideias e construção de conhecimento que cada criança absorvia a partir da exposição das peças do museu.

Dentre os vários lugares aqui citados, Miranda resolveu trabalhar exatamente com os museus por considerar este, um espaço que abriga várias formas e tipos diversos de

conhecimento e que cada pessoa pode observar e sentir o que cada objeto que consta ali, lhes transmite. Miranda coloca que:

[...] a abstrata ideia da pré-existência de um mundo que lhe antecedeu, de que diferentes formas de ser, existir, pensar, e, sobretudo, de que os objetos que existem no mundo mudaram ao longo do tempo ou, mais do que isso, que coisas existentes hoje não existiram no passado parece, à criança, um grande absurdo^x.

Mesmo sendo clara a importância que possuem os museus, alguns pesquisadores não os enxergam assim. Alguns os entendem apenas como lugares de exposição, memórias selecionadas de acordo com os interesses de um grupo determinante, e não como um lugar onde se possa produzir conhecimento. Sobre isso Pacheco afirma:

[...] infelizmente os museus são em grande medida pensados como locais de exposição e não de produção do conhecimento por parte da comunidade de pesquisadores. Esses lugares acabam por ser vistos como locais para uma visitação passiva e não para uma interação ativa por parte do público^{xi}.

AS PRÁTICAS DE MEMÓRIA NA SALA DE AULA

A pesquisa está sendo realizada com uma turma de 4º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Aracaju/Se. Os conteúdos que são postos no planejamento, tanto da escola como no da própria professora para este ano baseiam-se na Proposta Pedagógica do Município. As aulas ocorrem duas vezes por semana, geralmente na segunda-feira e na terça-feira. A professora acompanha o livro didático como metodologia, mas também, trás conteúdos copiados de outros lugares, já que a mesma considera o livro um pouco restrito.

Durante as aulas observadas, percebe-se que as Práticas de Memória, que geralmente estão ligadas às Datas Comemorativas, foram trabalhadas como conteúdos da disciplina de história e que na maioria das vezes foi raro a relação feita do passado e do presente. As datas que foram contempladas durante as observações foram: Os Primeiros Habitantes do Brasil, Descobrimento do Brasil, Tiradentes, Abolição da Escravatura, todas elas apresentadas aos alunos em suas datas de comemoração.

A seguir algumas transcrições dos conteúdos expostos aos alunos:

Primeiros habitantes do Brasil:

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, mais de 2 milhões de índios habitam a terra.

Nos dias de hoje, existem aproximadamente menos de 200 mil índios no Brasil.

Os índios foram explorados pelos portugueses: - com trabalho forçado^{xii} .

Descobrimento do Brasil

-22 de abril de 1500.

-Chegaram em Porto Seguro – Bahia.

-Dois primeiros nomes recebidos foram: Ilha de Vera Cruz e Terra de -Santa Cruz.

-Finalmente Brasil.

-Árvore pau-brasil.

Inconfidência Mineira

-21 de abril de 1792.

-Morreu Joaquim José da Silva Xavier^{xiii} .

Tanto na aula do dia 18 de abril quanto na aula do dia 24 de abril, os conteúdos foram copiados no quadro e solicitado que os alunos os copiassem. Na sequência a professora explicava o conteúdo. Referente aos Primeiros habitantes, a professora explicou que os índios foram os primeiros a morarem no Brasil. Falou também de seus costumes, da forma que se alimentavam e não deixou de citar os maus tratos que eles recebiam por parte dos portugueses. Contudo, foi deixado de ser trabalho a problemática que envolve a questão indígena na atualidade.

Quanto ao Descobrimento do Brasil, ela foi acompanhando com o livro e mostrando aos alunos a chegada de Pedro Álvares Cabral em suas Caravelas, na cidade de Porto Seguro. Falou também sobre os vários nomes que esse país recebeu antes de ser chamado de Brasil e relatou que nos 500 anos do Brasil foram plantados muitos pés de pau-brasil. Sobre Tiradentes a professora perguntou aos alunos se eles sabiam “Por que o chamaram de Tiradentes?” A isso os alunos responderam: “Porque ele tirava dentes”^{xiv} .

A professora continuou explicando que foi justamente por isso, o apelido foi atribuído por ele tirar os dentes das pessoas. Disse que ele lutava pela independência do Brasil e também pelos altos impostos, mas que foi traído e quando descoberto, assumiu a culpa sozinho.

Outra data trabalhada com os alunos foi o 13 de maio – Abolição da Escravatura e as Heranças dos Escravos. A professora começou dizendo que os negros foram trazidos para cá, para trabalharem como escravos, sendo maltratados e sem direito nenhum. Relatou também,

que mesmo depois da abolição eles continuaram sofrendo, pois continuavam sendo considerados como escravos pela população e ninguém queria dar empregos a eles. Citou também as leis criadas em favor dos escravos. Segue abaixo o conteúdo exposto no quadro e algumas das questões feitas pela professora:

Os negros e as leis da abolição

13 de maio de 1888, foi assinada a Lei Áurea, libertando os escravos do Brasil.

Até hoje os negros continuam sofrendo injustiças.

Em 1532, os primeiros africanos foram trazidos ao Brasil para trabalhar nas fazendas de cana-de-açúcar e nas minas de ouro. Durante o império, após a proclamação da Independência do Brasil, o café passou a ser a principal riqueza.

Muitos eram contra a escravidão, entre eles: o poeta Castro Alves. O jornalista José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, André Rebouças, José Maria Paranhos, o Visconde do rio Branco e outros.

Foram elaboradas muitas leis a favor dos escravos.

Foram essas: Lei Eusébio de Queirós, Lei do Sexagenário, Lei do ventre livre, A Lei Áurea

Questões:

- Qual foi a 1ª lei a favor dos escravos?
- O que a lei proibia?
- Em que ano foi reconhecida?
- Qual o nome da 2ª lei em favor dos escravos?
- O que ela determinava?
- Em que ano?
- Qual a lei mais importante para os escravos?
- Quem assinou essa lei?
- Em que dia, mês e ano?^{xv}.

Na aula seguinte, foi estudado o tema “heranças deixadas pelos escravos”, como os costumes, as comidas, as palavras, enfim, elementos da cultura dos escravos que passaram a fazer parte também da cultura do Brasil. Talvez, tenha sido essa a aula mais significativa para os alunos, durante todas as aulas observadas, pois, eles conseguiram, pelo menos em parte, entender que elementos de culturas diferentes podem se encaixar na nossa cultura.

Segue abaixo o conteúdo sobre a Herança dos escravos:

- Comidas: feijoada, muqueca de peixe, acarajé, milho, cuscuz.
- A influencia dos negros nos costumes do povo brasileiro. Veja alguns exemplos:
 - * Alimentação: leite de coco, feijoada, vatapá, cocada, pé-de-moleque.
 - * Música e dança: samba, batuque, capoeira.
 - * Instrumentos musicais: agogô, cuíca, berimbau, atabaque.
 - * Cerimônias religiosas: umbanda, candomblé.

* Uso de palavras: cachimbo, cachaça, quiabo, neném, dodói, banana e outros.^{xvi}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que várias são as formas existentes de diversificar o ensino de história. Percebe-se que as Práticas de Memória dentro do ensino de história tem um grande significado na construção da identidade social de cada indivíduo, sendo individual ou coletiva. Dentre os conteúdos desenvolvidos nas aulas observadas até o momento, fica evidente que as memórias trabalhadas em cima das datas comemorativas, não estão contribuindo no processo de identificação.

NOTAS

ⁱ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista PIIC – mileide.borges@yahoo.com.br. Pesquisa orientada pela professora Dr^a. Marizete Lucini - Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - Professora no Departamento de Educação na Universidade Federal de Sergipe - malucini@hotmail.com.

ⁱⁱ SILVA, Helenice Rodrigues da. 2002, p. 432.

ⁱⁱⁱ FREITAS, Itamar. 2010, p. 39

^{iv} LE GOFF, 1992, p. 423-425.

^v JOUTARD, 1993, p. 526-527.

^{vi} POLLAK, 1989, p. 11.

^{vii} PACHECO, 2010, P. 146.

^{viii} BRASIL, 1997.

^{ix} MIRANDA, 2010, p.375.

^x MIRANDA, 2010, p. 370.

^{xi} PACHECO, 2010, p. 146.

^{xii} DIÁRIO DE CAMPO, 18/04/2012, p.3.

^{xiii} DIÁRIO DE CAMPO, 24/04/2012, p. 7-8.

^{xiv} DIÁRIO DE CAMPO, 2012, p. 7.

^{xv} DIÁRIO DE Campo, 24/06/2012, p. 9-10.

^{xvi} DIÁRIO DE CAMPO, 25/06/2012, P. 11.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio: ciências humanas e suas tecnologias. Brasília, DF, 1997.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos Teóricos-Metodológicos para o Ensino de História (Anos Iniciais)**. São Cristovão: Editora UFS, 2010.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar História e memória. **Revista da FAEEBA**. Salvador, v. 14, n. 23, pp. 205-212, jan./jun. 2005.

LE GOFF, Jaques. A história como ciência: o ofício de historiador. **In: História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992. pp. 105-127.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154 – 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

MIRANDA, Sônia Regina. Estranhos passados encontrados em um museu: a criança e seus olhares sobre o tempo desconhecido. **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 30, n. 82, p. 369-382, set-dez. 2010.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 425-438, 2002.

